Resumo expandido
II Colóquio Internacional do Antigo Egito e Oriente Próximo
Universidade de São Paulo
2017

O UNIVERSO E O HUMANO: MICRO E MACROCOSMOS NA MITOLOGIA MESOPOTÂMICA

JANAÍNA DE FÁTIMA ZDEBSKYI
Universidade Federal de Santa Catarina; Mestranda em História; Agência Financiadora: CNPq
janazdebskyi@gmail.com

Inicialmente, gostaria de pontuar algumas questões no que tange à utilização de narrativas míticas enquanto uma fonte de pesquisa, é importante considerar que nas sociedades antigas do Crescente Fértil a ligação do povo com suas crenças ultrapassava a esfera que hoje entendemos como "religiosa", pois os mitos desses povos eram ritualizados em seu cotidiano e se faziam presentes em todos os aspectos da vida humana, organizando a sociedade e formando as percepções de mundo das pessoas, conforme pontua Karen Armstrong (2005). Nesse sentido, ao estudar os mitos não se percebe somente a religião ou as crenças religiosas de um povo, visto que a mitologia permite conhecer diversos outros aspectos que vão desde a forma de organização social e hierarquias de poder existentes, até mesmo as leis, valores morais e as mais abrangentes perspectivas de mundo e as formas como esse povo se relacionava com o universo.

Claude Lévi-Strauss (2008) também tece contribuições para essas discussões a respeito das repercussões da presença dos mitos nos mais diversos aspectos vida humana, ao afirmar que

> O sistema mítico e as representações que proporciona servem, então, para estabelecer relações de homologia entre as condições naturais e as condições sociais ou, mais exatamente, para definir uma lei de equivalência entre contrastes significativos situados em vários planos: geográfico, meteorológico, zoológico, botânico, técnico, econômico, social, ritual, religioso e filosófico (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 109).

Considerando assim, que os mitos constituíam essas perspectivas de mundo e o pensamento humano na antiguidade, então podemos considerar que eles se apresentavam como elo entre o humano e a natureza, entre a pessoa e o universo, o micro e o macrocosmo, sendo que esse elo era sempre vivenciado e reatualizado nos rituais praticados por esses povos.

É justamente em torno deste ponto que reside a problemática desta pesquisa, no caso, como os mitos e iconografias mesopotâmicas apresentam essa relação entre micro e macrocosmo enquanto organizadora da vida e do pensamento humano. A respeito disso,

Karen Armstrong (2005) afirma que na concepção dos povos antigos, ao que podemos perceber pelos seus mitos, "a própria existência dos deuses era inseparável da existência da tempestade, do mar, rio e de ações e sentimentos humanos" (p. 11). Essa concepção fica muito clara nas narrativas ligadas aos mesopotâmicos, visto que seus deuses estavam profundamente atrelados aos elementos do universo: Anum que é a divindade suprema do Panteão sumério, cujo sumerograma é *AN* pode significar "céu"; Enlil, cujo sumerograma é *EN.LÍL* significa "Senhor do vento" e Ea, também chamado de Enki, era o senhor do *Abzu*, ou das águas doces (BOUZON, 1992).

Para além de estarem materializados em aspectos da natureza e, logo, no cotidiano dos mesopotâmicos, as divindades interferiam continuamente na sociedade, estabelecendo relações entre o humano e o divino, legitimando governos e as ações executadas pelos soberanos, de forma que as crenças e mitos desses povos podem ser entendidos enquanto um "conjunto de representações e de comportamentos coletivos que comandam todo um grupo social e um universo cósmico que, em contrapartida, é modificado pelas ações dos indivíduos" (SILVA, 2016, p. 140).

Podemos perceber esse aspecto na organização social dos povos do Crescente Fértil, onde as pessoas identificavam-se em grupos por meio de seus deuses tutelares e, no caso da mesopotâmia, esses deuses promoviam até mesmo a organização das cidades, pois cada uma delas possuía uma divindade à qual prestava culto dentro de um panteão organizado sob a forma de famílias divinas que encontravam-se em mitos que foram construídos ainda no IV milênio a.E.C (POZZER, 2007, p. 4).

Nessa organização social na qual os deuses e deusas eram autoras e governantes do universo e de cada um de seus elementos, os reis se afirmavam como nomeados por essas divindades, de forma que o que legitimava seu poder não era nenhum de seus aspectos enquanto humano, mas sim sua ligação com o macrocosmo. É nesse sentido que se encontra "uma das mais bem estruturadas articulações da concepção de mundo mesopotâmica, a qual liga as dimensões humanas às esferas divinas e, em contrapartida, faz dos desígnios divinos parte integrante da atmosfera terrestre" (BOTTÉRO, 2004 *apud* SILVA, 2016, p. 145).

Mesmo reis míticos como Gilgamesh aparecem atrelados à divindades. Na narrativa da Epopéia de Gilgamesh, esse rei da cidade de Uruk que também é um semi deus – filho da deusa Nínsun -, desperta o amor e o ódio da deusa Ištar e passa por uma intensa jornada do herói, tendo inclusive descido ao submundo. Porém esse aspecto não se observa somente no

rei mítico Gilgamesh, pois os diversos reis mespotâmicos, tanto entre babilônicos quanto entre assírios, tinham seu poder legitimado pela divindade tutelar da cidade que governavam. Exemplos disso são o rei Hammurabi, que no prólogo de seu código de leis se compara ao sol por seu senso de justiça e se declara nomeado pelos deuses Anum, rei dos Anunnaku, e Enlil, o senhor do céu e da terra (BOUZON, 1992):

> Quando o sublime Anum, rei dos Anunnaku, (e) Enlil, o senhor do céu e da terra, aquele que determina o destino do país, assinalaram a Marduk, filho primogênito de Ea, a dignidade de Enlil sobre todos os homens, (quando) eles o glorificaram entre os Igigu, (quando) eles pronunciaram o nome sublime de Babel (e) a fizeram poderosa no universo, (quando) estabeleceram para ele em seu meio uma realeza eterna, cujos fundamentos são formes como o céu e a terra, naquele dia Anum e Enlil pronunciaram o meu nome, para alegrar os homens, Hammurabi, o príncipe piedoso, temente a deus, para fazer surgir justiça na terra, para eliminar o mau e o perverso, para que o forte não oprima o fraco, para, como o sol, levantar-se sobre os cabeças-pretas e iluminar o país (BOUZON, 1992. p. 39).

Bem como o rei Assurnasirpal II, sobre o qual encontram-se inscrições em seu palácio, nas quais esse rei escreve em primeira pessoa colocando-se como vice-regente do deus tutelar Assur, como escolhido dos deuses Enlil e Dagan e como a arma destrutiva dos grandes deuses, sendo que o próprio nome "*Aššur-nâṣir-apli* significa: "*Aššur* é a proteção de seu filho predileto"" (SILVA, 2011, p. 16).

Essa ligação do rei mesopotâmico com o macrocosmo não se dava somente por meio de seus pronunciamentos – os quais sempre ensovacam elementos míticos -, mas era também ritualizada e presentificada pelo rito de *hièros gámos*, prática na qual o rei recebia o título de marido da deusa Inanna/Ishtar[1], personificando o deus Dumuzi/Tammuz, e casava-se com uma hieródula que personificava a deusa. Nesse rito, o macrocosmo se presentificava no microcosmo no momento em que os deuses eram personificados pelos humanos em um rito que visava legitimar o rei, mas também garantir prosperidade para o ano que se iniciava, considerando que Inanna é uma deusa com aspectos de sexualidade e fertilidade. Essa questão de garantir prosperidade e boas colheitas pelo rito de *hieròs gámos* pode ser percebidos nos cânticos e poemas dedicados à deusa Inanna, nos quais as ações realizadas por humanos – na personificação dos deuses – estavam profundamente entrelaçadas com aspectos relacionados com a natureza e com a vida no campo. Podemos perceber essa questão em um dos poemas, apresentados por S. N. Krammer (1972), que narra o chamado de Inanna à Dumuzi para o

[1] A deusa cujo nome sumério é "Inana" tem seu nome conhecido em acádico (assírio-babilônico) como "Ištar" (Ottermann, 2006, p. 2) da mesma forma que Dumuzi/Tammuz.

intercurso sexual, no qual a deusa compara sua vulva com a terra e pede que o pastor a cultive, ou are, para ela:

> Para mim, minha vulva
> Para mim, o monte elevado,
> Para mim, a virgem, para mim, quem a cultivará?
> Minha vulva, terra regada para mim,
> Eu, a Rainha, quem trará o touro?
> A quem replica a resposta esperada:
> O Dama soberana, o Rei a cultivará para você,
> Dumuzi, o Rei, a cultivará para você.
> E a deusa responde alegremente:
> Ara minha vulva, homem do meu coração (KRAMER, 1972, p. 123).

Esse uso de metáforas ligadas a elementos da fauna e da flora para se referir ao ato sexual é bastante comum nos mitos e poemas mesopotâmicos, conforme pontua Simome Aparecida Dupla (2016). Percebemos esse fator também na série de poemas dedicados à Inanna que foram compilados e traduzidos por Helena Barbas (2004), nos quais aparecem trechos como "sendo alface a minha lã, ele regá-la-á, sendo alface de buxo, ele regá-la-á". Simone Aparecida Dupla (2016) afirma que arar, por exemplo, era aplicado para a primeira penetração na vagina, já lã e alface se referiam aos pelos púbicos e regar a alface seria ter relações sexuais (DUPLA, 2016, p. 102).

Nesse sentido, para além de conectar o micro e o macrocosmos por meio do casamento sagrado entre rei e deusa, podemos perceber nesses poemas dedicados à Inanna que a deusa também estava atrelada com aspectos da natureza, não a toa ela aparece em suas iconografias com uma mistura de aspectos humanos, da fauna e da flora, tendo pés de águia e asas, bem como aparecendo com seus seios a mostra denotando sua caracteristica de deusa da sexualidade e fertilidade.

Já se tratando de fontes que consistem de artefatos arqueológicos, é importante compreender que, principalmente se tratando de iconogragias, elas estavam fundamentadas em conteúdos mitológicos, trazendo até mesmo a imagem de deuses e deusas. É possível perceber a relação entre micro e macrocosmo nas iconografias ligadas à guerras e conflitos, as quais evocam muitos elementos míticos e deuses(as). Entre os Assírios, por exemplo, nos relevos do Palácio Noroeste de Assurnasirpal II - que encontram-se compilados no catalogo de fotos e croquis de Austen Henry Layard (1853) – o deus Assur aparece nos campos de batalha com seu povo, além disso, símbolos atribuídos à deusa Ištar – rosetas e estrelas de seis pontas – aparecem gravados nas armaduras e carros de guerra, de forma que essas iconografias dialogam com a perspectiva de que as guerras atuaram como organismos

ordenadores da ordem imperial e do equilíbrio cósmico (SILVA, 2016, p. 46). Justamente nesse sentido, é que os deuses e deusas tinham atributos ligados com a guerra, como o próprio Assur, que é registrado nos relevos neoassírios "atuando no campo de batalha ou nos retornos triunfais após mais um sucesso militar (SILVA, 2016, p. 47) e a deusa Ishtar, que legitima vitórios bélicas do rei assírio Esharhaddon, como no registro da inscrição: "Eu sou Ishtar de Arbeia. Eu esfolarei os teus inimigos e os darei a ti" (COHN, 1996, p. 63).

Nesse sentido, as "forças militares do Império serão identificadas como o exército mesmo do deus, que impõe conquistas largas e significativas no Oriente Próximo" (SILVA, 2016, p. 47), de forma que a guerra entre os humanos é capaz de garantir a ordem no macrocosmo:

> os relevos retratam o rei como majestoso, imponente, arma vitoriosa do deus Assur que intervém no campo de batalha derrotando os inimigos, metaforizados como forças do caos que pretensamente quer desestabilizar o cosmos assírio (FALES, 2010, *apud* SILVA, 2016, p. 47).

Além da presença do deus Assur no alto do relevo abaixo, temos também as rosetas de Inanna/Ištar tanto no traje do rei, como em seu bracelete e nos adereços dos cavalos:

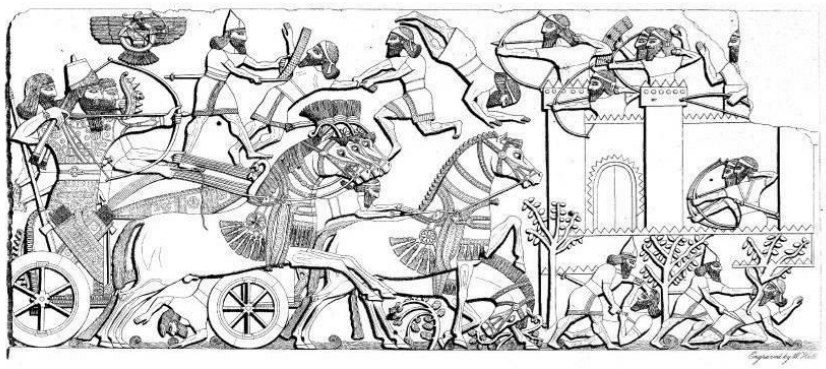

Imagem 01: Croqui da Laje 3 a O rei em seu carro na frente de uma cidade sitiada. 79
Fotografia de Katia Pozzer. Museu Britânico, Londres.
Referência completa: LAYARD, H. A. *The monuments the Nineveh,* London, vol II, pr. XIII, John Murray, 1853, p. 29.

Sob esse viés, por meio dessas fontes, iconográficas e mitológicas, dos povos mesopotâmicos é possível perceber a perspectiva de mundo desses grupos de pessoas, a qual era constituída por um entrelaçamento entre micro e macrocosmo, de forma que a vida e as ações humanas estavam profundamente interligadas com o universo, com o mundo dos deuses(as) e com a natureza, não podendo ser compreendida de forma separada destes.

BIBLIOGRAFIA:

ARMSTRONG, Karen. *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BARBAS, Helena. *A saga de Inana* – Antologia de Poemas. Tradução: Helena Barbas. Lisboa, 2004.

BOUZON, Emanuel. *O Código de Hammurabi*. Pretrópolis: Vozes, 1992. 238 p.

COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá*: As origens nas crenças no apocalipse. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

DUPLA, Simone Aparecida. *Construções do imaginário religioso no culto a Inanna na antiga mesopotâmia: Símbolos e metáforas de uma deusa multifacetada (3200-1600 a.C).* 2016. 179 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2016.

KRAMER, Samuel-Noah. Le Rite de Mariage Sacré Dumuzi-Inanna. *Revue de l'histoire des religions*, p. 120-146, 1972. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/rhr_0035-1423_1972_num_181_2_9833>. Acesso em 16 mai. 2017.

LAYARD, Austen Henry. *The monuments of Nineveh*. London: John Murray, Albemarle Street. 1853. 118 p. Disponível em: <http://etana.org/>. Acesso em: 14 jun. 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 2008. 320 p.

OTTERMANN, Monika. *Morte e Ressurreição na Suméria*: A "Descida ao Inferno" de Inana e de Dumuzi e processos de posse e perda de poderes divinos e humanos. Orácula, São Bernardo do Campo, v. 2, n. 3, pp. 1-17, 2006.

POZZER, Katia Maria Paim. A Deusa Ištar: Uma Representação do Feminino na Mesopotâmia. *Liber Intellectus*, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 11, 2007.

SILVA, Ruan Kleberson Pereira da. *Guerra, soberania, ordem e equilíbrio cósmico: representações sociais em relevos neoassírios (884-727 a.C.).* 2016. 166 p. – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2016.

SILVA, Simone Silva da. *Deuses e símbolos: Representações e significados nos relevos da sala do trono de aššurnazirpal II (883-859 a.C).* 2011. 102 p. Trabalho de conclucão de curso (graduação) – Universidade Luterana do Brasil. Canoas, 2011.

Palavras-chave: Microcosmo; Macrocosmo; Mesopotâmia; Mitos; Antiguidade.